



TRIBUNA Livre

25
FEVEREIRO
1961

SEMÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMAOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — AMARES

CONSTÂNCIA

Erupções do nobre génio da Raça, escaldantes de fé e patriotismo, como as que se registaram em Lisboa através da semana finda, tiram todas as dúvidas aos tibios e aos descrentes; aos que por má ventura seriam capazes de vacilar em momento angustioso para os destinos da pátria.

A nação, corpo vivo e dilatado que estende os seus membros activos por toda a parte aonde chegou em seu desenvolvimento e expansão seculares, sentiu-se bruscamente ferida mas não tardou a reacção espontânea e violenta.

A consciência nacional, agravada no que há de mais sagrado de seus legítimos direitos, adquiridos, conservados e defendidos a todo o custo e no verdadeiro sentido do Mundo civilizado e civilizador, vibrou mais uma vez de indignação e repulsa contra esses gestos de insólita afronta à sua integridade e soberania.

O povo da capital, e o mais que aqui convergiu de todos os recantos do país, para a recepção ao «Santa Maria» no regresso da sua trágica odisséia pelos mares do Atlântico retrogradados aos actos de pirataria dos tempos tenebrosos e bárbaros por um bando de selvagens internacionais, foi concentrar-se precisamente junto ao estuário do Tejo, testemunho inolvidável do vai-vém de

suas ansiedades e glórias de outrora.

Os brados incontidos da multidão ecoaram pelas colinas de uma e outra banda, ao sol claro e quente do entardecer significativa homenagem prestada aos que não se renderam, apesar de desarmados e indefesos, às ameaças blandícias arditas, de um inimigo cego e sem escrúpulos de qualquer ordem.

O Mundo bem o sabe e tem toda a conveniência em conhecer do seu sentido para salvaguarda e garantia dos valores que constituem a única via de avanço no progresso e respeito pelo direitos intangíveis dos povos.

Aonde os Portugueses concorreram a despedir-se dos navegadores de Quinhentos, acompanhando-os no murmúrio dos clamores e das preces fervorosas por uma viagem feliz e proveitosa à dilatação da fé e do império, voltaram agora, sobressaltados em pleno século vinte por um incidente que recorda os episódios da História Trágico-Marítima.

O derrotismo e o regresso ao caos estão na mente e nos ideais de um grupo de indesejáveis e loucos apátridas que nada podem contra o equilíbrio e o bom senso de uma frente universal, senão provocar-lhe finalmente o ridículo.

O Tejo esperava como sem-

pre o «Santa Maria».

Celebrado pelo Cantor da raça, ele é um símbolo de grandeza nacional. Os povos parecem-se com os rios que se avolumam cada vez mais em seu caudal; seguindo seu curso, uma vez traçado jamais mudarão de rumo—tal é a firme natureza dos que por ele caminharam em busca de novos mundos.

Portugal deu mais uma prova de que não dorme à sombra dos louros conquistados por seus maiores.

O exemplo do piloto indefeso ao leme do «Santa Maria», fortaleza transatlântica que vogava em sua rota pacífica pelo mar das Caraíbas, é a repetição

Continua na 6.ª página

NA MISERICÓRDIA

A mais concorrida

A. Geral de sempre dá uma grande lição de amor à Instituição

A sala da Assembleia cheia, o corredor e a sala contígua a abarrotarem de associados numa demonstração de presença e resposta às perturbações lançadas para vingar melindres pessoais.

Assim quis manifestar-se a Assembleia Geral da Misericórdia, uma linguagem que não deixa dúvida quanto ao resultado da sua futura escolha e mostra a maneira firme como responde aos que entendem que será capaz de votar

em homens que primeiramente terão de dar provas de fazerem alguma coisa pelo bem geral.

Tinha esta Assembleia por finalidade aprovar as contas da gerência do ano findo.

Presidiu o senhor Presidente da Assembleia Geral constituída a Mesa foi lido o relatório e contas que receberam esclarecimentos de vária ordem, tendo usado da palavra vários associados, findo o que a aprovação se verificou por unanimidade.

Por um grupo de associados foi enviada para a Mesa uma proposta contendo afirmações desassombradas sobre o actual momento, proposta que nos merecerá desenvolvida reportagem no próximo número e não hoje por falta de espaço. Anotemos, entretanto, o

Continua na 5.ª página

VAMOS FAZER DE CONTA

(Por António Maria Zorro)

«Vamas Fazer de conta» é a grande e sábia fórmula que as crianças empregam para resolver as dificuldades com que deparam nos seus jogos infantis. São felizes as crianças, às quais esta fórmula tão simples e tão barata permite ter os brinquedos que não possuem, tripular aviões que não existem, disputar batalhas navais no lavadouro da cozinha ou transformar o bibe de riscado em farda constelada de general. De resto, é nessa mesma fórmula que reside o segredo dos poetas, dos dramaturgos, dos grandes ficcionistas. Eles limitam-se, afinal, como as crianças, «a fazer de conta». Há quem preconize e pratique o mesmo sistema na condução dos negócios políticos, mas está provado que, neste campo, o sistema — desgraçadamente — não resulta.

Ora vamos nós também imitar as crianças e «fazer de conta». Começemos por fazer de conta que não somos portugueses. Este acto imaginativo, esta evasão da realidade é condição indispensável para prosseguirmos, porque só não sendo português se pode falar ou escrever com um sorriso à cerca do «Santa Maria».

Façamos de conta que somos búlgaros, guatemaltecos ou súbditos de Sua Magestade o Rei Savang Vatana. Façamos de conta que o «Santa Maria» não foi assaltado, à

traição, por uma quadrilha internacional, que o seu terceiro piloto não foi barbaramente assassinado. Façamos de conta que o «Santa Maria» se chamava «Maja Krumpaskaia» e era um paquete russo e a sua tripulação, constituída por infelizes letões, estonianos ou «russos brancos», decidira, impávida e generosa, armada apenas pelo desespero da escravidão, apossar-se do navio, fazer dele um bastião flutuante da liberdade; mesmo assim não podemos ir mais longe no caminho da imaginação, não podemos supor que a aventura se prolongasse para além de uma semana, não podemos dispensar as armadas das grandes potências ocidentais de intervirem para restituir o barco aos seus legítimos donos, embora contrariando interesses políticos ou sentimentais.

Por consequência, façamos de conta que o «Maja Krumpaskaia» foi restituído aos armadores soviéticos e que nós, búlgaros, guatemaltecos ou súbditos de Sua Magestade o sobredito Rei Savang Vatana, achámos muita graça à recambolosa e romântica hestória destes piratas do século XX, para a qual vão fabricar-se uma história de amor e o consequente argumento de um filme. Vamos continuar a fazer de conta e diremos que a

Continua na 6.ª página

Devagar que tenho pressa...

No século das luzes e da velocidade assiste-se muitas vezes ao paradoxo estranho de se ver gente que chega sempre tarde a toda a parte. Hoje já ninguém faz viagens a pé e poucos são os felizardos que ainda têm possibilidades de se deslocarem sobre o manso e pachorrento burro. No entanto...

A bicicleta, o automóvel, a motocicleta, o carro eléctrico são banalidades que estão ao alcance de qualquer modesto mortal. O Combóio e o avião galgam distâncias outrora alucinantes e, apesar disso, nunca se viu tanta gente apressada, sem tempo para chegar a horas aos pontos onde a sua presença fora ajustada.

Na época do carro de bois havia tempo para tudo e até para se contemplarem paca-

tamente as árvores e os campos na saudável quietude da Natureza... e se alguém tinha de estar a determinada hora em tal ou qual ponto, fazia as suas contas, levantava-se a horas, punha-se a caminho a tempo, e no momento aprazado lá estava, senão antes, fiel à delicadeza gentil que considerava que não era bonito fazer esperar quem quer que fosse!...

Hoje, já não há tempo para estar a horas em parte nenhuma a nem sequer para ver as árvores nem os campos, pois a vertiginosa fúria do automóvel não só não nos deixa tempo para isso, como nos rouba tantas vezes o próprio tempo da nossa vida. Ditosos tempo em que ainda imperava a lei do «Devagar que tenho pressa».

TRIBUNA das ARTES e das LETRAS

Sá de Miranda

A Egipciaca Santa Maria

(Continuação)



Elle fallar-lhe pretende
mas era a causa e raiz
que estar núa lh'o defende,
elle que isto não entende
estas palavras lhe diz:

— Não fujas por esta calma,
tão ardente e excessiva,
que bem mostra ter a palma
d'essa penitencia esquiva
tão doce pera a tua alma.

Se meus olhos merecerem
serem de te ver capazes,
não é por que ver-te querem,
mas é somente por verem
a penitencia que fazes.

Pelo amor que tens seguido
do eterno Deus soberano,
que me deixes ver-te pido
esse bello corpo humano
que tão deshumano há sido.

Chamo-lhe eu com rezão bello
por que o vejo nesse estado,
arregado e amarello,
que amarello e arrugado
é que nosso Deus quer vel-lo.

Que lá no mundo inimigo,
que mostras bem que deixaste,
por fugir a teu perigo,
quando esse corpo amaste
não era Deus teu amigo.

Do qual agora contemplo,
que exemplo me podes dar,
por que o considero um templo
d'onde se pode tomar
pera a penitencia exemplo.

Em n'esta vida apertada
também busco a salvação,
mas ver-te dessa feição
vejo que não faço nada
em tua comparação.

Ella que tudo escudou,
o coração brando abrande
e o rio seco passou,
e passando de uma banda,
da outra o santo ficou.

Dizendo: Meu padre santo,
não vos pareça ser crua
não applacar vosso pranto,
porém deitar-me este manto
que sou moíher, e estou núa.

Não estou de calidade
que me possa ninguém vêr,
que no tempo da verdade
mesmo era dizer molher,
que dizes honestidade.

Como um raio ou pensamento,
logo que o manto pediu,
o monge santo o despiu,
e lançando-o num momento,
num momento ella o cobriu.

PORTUGAL E O MAR...

EM HAMBURGO

A vida comercial alemã — Propaganda eficiente

O maior porto da Alemanha, Hamburgo, está ligado por intensas relações comerciais e por estreitos laços de amizade a Portugal. Nos círculos do comércio importador e exportador o Mundo Português é mais conhecido do que se julga à primeira vista. A Universidade de Hamburgo orgulha-se do muito especial desvelo que desde a sua fundação tem dedicado aos estudos portugueses e brasileiros.

As gerações vão-se sucedendo, porém, e a guerra, com as suas profundas repercussões em todos os sectores da vida abalou fortemente a estrutura e a composição da população da laboriosa cidade hanseática, separada do seu Hinterland natural e forçada a lutar pela sua existência procurando novos campos de actividade. Na azáfama dos novos interesses caem facilmente no olvido até mesmo bons amigos se não se fizerem lembrados de vez em quando. Tanto o comércio no mercado interno, como o comércio importador e tão em evolução constante, obedecendo à lei que rege todos os organismos: a lei da renovação, do desaparecimento de uns e do surto de outros.

A ideia de abrir uma «Monta de Portugal em Hamburgo», do Centro Português de Informações, numa das praças principais da cidade, deve ter nascido do intuito de chamar a atenção do grande público,

de avivar recordações, de ferir a retentiva.

Estes dias inaugurou-se no recinto devidamente apetrechado uma bela exposição subordinada à ideia «Portugal e o Mar». Importadores, não só de conservas de peixe, mas também de outros artigos, representantes de alta categoria do Ministério da Alimentação, da Câmara do Comércio, do corpo consular e da imprensa, compareceram a convite do chefe do «Centro», o Vice-Consul Manuel Egreja Arez, que os obsequiou com um «Vinho do Porto», rompendo assim a sequência monótona dos «cocktails» da vida social hamburguesa.

Belas ampliações de fotos da faina da pesca, redes, apetrechos e, em arranjos atraentes, tudo o que no sector da alimentação Portugal deve ao mar e se presta à exportação foi apresentado numa síntese feliz.

Na reunião reinou uma atmosfera de simpatia e curiosidade. Não faltou a grande bisbilhotaria da nossa época, a televisão, que, no mesmo dia, conduziu de uma assentada, milhões de alemães à exposição de produtos portugueses. Lançou-se assim ao mar da publicidade a rede que, neste caso não trará sardinhas, mas, provavelmente, encomendas de produtos portugueses e, de per si, meio, cardumes de turistas.

foi louvado na arte como sendo vanguardista, já figurou nas visões intuitivas de Max Ernst nos anos posteriores a Primeira Guerra Mundial. Conseguiu fixar na tela o medo e as alucinações da nossa época. As suas composições forçam a pensar. Com quasi cada uma das suas obras Max Ernst põe de novo em dúvida o mundo e a si próprio. Na obra de Max Ernst o abandono

no e o sofrimento íntimo do homem moderno encontraram a sua expressão trágica e emocionante. Os quadros cheios de sonho deste espírito inquieto e contundente, que ilumina sempre de novo o mal profundo inconsciente, adverte a Humanidade da necessidade imperiosa de se reconhecer a si própria antes de que seja tarde.

UM «CLÁSSICO» DO SURREALISMO

O 70.º ANIVERSÁRIO DE MAX ERNST — A REPRESENTAÇÃO DO MEDO

O pintor alemão Max Ernst foi um dos artistas que depois da Primeira Guerra Mundial reconheceram que ia terminar a época dos valores tradicionais. Foi um dos primeiros a declarar a guerra às concepções românticas e realistas da burguesia, lançando-se ao ataque contra os conceitos estereis predominantes na arte que louvava um mundo aparentemente seguro enquanto a ordem existente desmoronava em todas as suas manifestações. Max Ernst celebra estes dias o seu 70.º aniversário. Homenageado hoje como um «clássico» da arte moderna, lembra-se há de quando, como vanguardista, chocava o público para o acordar da sua incompreensão pelo efeito assustador das suas obras.

Max Ernst nasceu em 1891 em Brühl, perto de Colónia, e conservou durante toda a sua vida a alegria de viver dos renânos. Tem muito em comum com o seu pai que trabalhou como professor de

desenho numa escola de surdo-mudos em Colónia. Seu pai copiava a natureza. Não resta dúvida que entre o pai e filho existem afinidades artísticas que não se descobrem à primeira vista. Max Ernst esforça-se por captar nas suas obras a expressão artística do irracional e do inconsciente, sendo, por isso, considerado hoje o mestre alemão do surrealismo. O jovem Max Ernst, que estudou filosofia na Universidade de Bonn de 1909 até 1911, sentiu-se, a princípio, atraído pelas obras de Picasso e de Chirico. No entanto, também se interessava pelos trabalhos de August Macke e pelas correntes expressionistas na Alemanha. As vivências da Primeira Guerra Mundial valeram-lhe a convicção que a ordem do mundo só se baseia aparentemente no Humanitarismo e na razão.

Nos primeiros anos depois de 1918 a sua arte esteve sob a influência do Dadaísmo. Mas só em Paris, para onde foi viver,

Max Ernst encontrou um grupo de pintores com ideia e concepções idênticas às suas. Dos seus esforços comuns desenvolveu-se a nova corrente: o surrealismo. Max Ernst lançou raízes em Paris; durante a Segunda Guerra Mundial refugiou-se nos Estados Unidos onde realizou, em 1942 em Nova York, a sua primeira exposição, que teve grande êxito e projecção. Com a sua terceira esposa, a milionária Peggy Guggenheim, retirou-se para o Estado de Arizona, onde nos anos seguintes encontrou a paz e a calma para se dedicar a importantes trabalhos de escultura. Terminada a guerra, Max Ernst regressou a Paris, tendo visitado por várias vezes a Alemanha.

Este grande cosmopolita domina magistralmente todos os meios estilísticos. Dotado de uma energia quasi inesgotável, nunca cessa de se entregar a experiências livres de qualquer dogmatismo. Tudo o que no decorrer dos últimos decénios

FOTO MODELAR

reportagens de casamento
Baptisado e Banquetes

Fotografias tipo passe e ampliações

Telefone 62113

AMARES

TRIBUNA do CONCELHO

Reunião Camarária

Deliberações da Câmara Municipal

Correspondência

Ofícios

Da Direcção de Urbanização do Distrito de Braga, transcrevendo parte de um despacho de Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas de 26-12-60, que aprovou o orçamento do Commissariado do Desemprego do teor seguinte: Causa-me alguma inquietação o avolumento sensível que apresenta o saldo das participações concedidas e não liquidadas na gerência de 1960, para já, os Serviços deverão por em execução as medidas necessárias para activar a utilização das verbas inscritas no orçamento. E, entre estas medidas, estará certamente a prevenção às Câmaras Municipais de que para o futuro o Ministério das Obras Públicas irá ser rigoroso na aplicação das disposições que obrigam os beneficiários das participações ao cumprimento dos prazos de execução fixados para as obras participadas.

Idem, idem, pedindo a apresentação do projecto da obra de construção do C. M. de Terreiro a Prozelos.

Idem, idem, idem do Caminho da E. M. de Seramil.

Da Professora da Escola Masculina de Rendufe, pedindo o fornecimento de 4 carteiras escolares.

Idem, idem da Escola Feminina de Rendufe, pedindo o fornecimento de 5 carteiras escolares e a reparação de telhado daquela escola.

Do Hospital de Crianças Maria Pia, Porto, remetendo a factura da importância de 880\$00.

Da Circunscrição Técnica de Braga da Administração Geral dos C. T. T., pedindo para esta Câmara normalizar de acordo com as normas vigentes de segurança o cruzamento da rede de energia eléctrica do lugar do Monte da freguesia de Ferreiros com a linha telefónica.

Do Chefe da Repartição do Tesouro da Direcção Geral da Fazenda Pública, informando que Sua Excelência o Subsecretário de Tesouro por seu despacho de 24 do corrente, aprovou a renda mensal de 70\$00 proposta por esta Câmara para a moradia n.º 3, Tipo A, do Bairro para classes pobres, a atribuir a Antero Ernesto da Silva.

Da Maternidade de Julio Diniz, Porto, enviando uma segunda via da factura de 88\$80 respeitante ao 3.º trimestre de 1955.

Do Director da Urbanização do Distrito de Braga, informando que, nas ultimas visitas de fiscalização feitas às vias de comunicação deste Concelho, foi verificado que as mesmas se encontram em mau estado de conservação, solicitando para esta Câmara providenciar no sentido das mesmas estradas serem reparadas, pois caso contrário não poderá ser documentada a participação de que este Corpo Administrativo beneficiado relativo ao 1.º trimestre do ano em curso.

Do Subdelegado Procurador da República de Amares, pedindo o fornecimento de seis cobertores para as cadeias provisórias.

Da Junta de Freguesia de Bouro Santa Maria, pedindo a reparação do caminho público do lugar do Enxido daquela freguesia de maneira a se dar fácil evacuação das águas.

Do Hospital Geral de Santo António, Porto, pedindo a responsabilidade desta Câmara para o doente António Lopes Oliveira, natural e residente na freguesia de Lago, deste Concelho, que deu entrada naquele Hospital em 27 do corrente.

Do Director da Urbanização do Distrito de Braga, remetendo o 1.º auto de medição de trabalhos da obra de construção do C. M. da E. N.º 205 (Neves) ao Rio Homem, na freguesia de Rendufe, que importa na importância de 34.223\$46.

Do Instituto Português de Oncologia, Lisboa, remetendo a factura da importância de 192\$00, respeitante ao tratamento de doentes no mês de Outubro último.

Circulares

Do Governo Civil do Distrito de Braga, transcrevendo a circular N.º Z-1/6, L.º 14, 1.ª Repartição da Direcção Geral de Administração Política e Civil, informando que o Dr. Armando Salgado Rodrigues, natural do concelho de Moncorvo e residente na freguesia de Freamunde do concelho de Paços de Ferreira, se encontra abrangido pelas disposições do § 2.º do Art.º 620.º do Código Administrativo, por ter rejeitado o lugar de médico municipal do 5.º partido do concelho de Abrantes.

(Continua no proximo número)

Dr. EDUARDO GONÇALVES

Fez anos, no passado dia 22, o sr. dr. Eduardo Gonçalves, presidente da nossa Câmara, Subdelegado de Saúde e médico muito distinto.

Figura de relevo social, arrancado à vulgaridade pela obra notável que realizou à frente do Município há cerca de 20 anos, pelo seu valor profissional e pela seriedade de processos como sempre agiu, é em boa verdade o primeiro cidadão do concelho.

Novamente à frente do Município segue vertiginosamente o caminho da consagração graças ao muito que esta a fazer e o mais que se espera.

As nossas saudações e com elas os votos da melhor saúde e felicidades.

EDITAL

Paulo Barbosa de Macedo, vogal servindo de presidente da Assembleia Geral da Santa Casa da Misericórdia do Concelho de Amares

Faço saber que de harmonia com o despacho de Sua Excelência o Senhor Ministro da Saúde e Assistência, de vinte e oito de Novembro do ano de mil novecentos e sessenta e ainda de acordo com o disposto no Parágrafo 1.º do artigo 27.º dos Estatutos desta Santa Casa, faço público que no dia 23 de Março do ano corrente, pelas 16 horas, no edificio desta Misericórdia, sito no lugar Novo da freguesia de Ferreiros desta Vila, se procederá à eleição dos Corpos Gerentes, da Assembleia Geral e Mesa Administrativa, para o triénio de 1961 a 1963.

Não comparecendo número suficiente de associados, funcionará a mesma Assembleia 1 hora depois com qualquer número.

Para constar, se lavrou este e outros de igual teor que serão afixados nos lugares públicos do costume.

E eu António Batista de Macedo Fernandes, escrivão servindo de Chefe da Secretaria o subscrevi.

Amares e Secretaria da Santa Casa da Misericórdia, aos 24 de Fevereiro de 1961.

O Vogal servindo de Presidente da Assembleia Geral,
Paulo Barbosa de Macedo

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

CARTA DE LAGO

Meu caro amigo António

Não te fez mal a orelheira do entrudo? Estimo que não tenhas maus figados...

Falecimentos

No dia 27 de Janeiro faleceu Ladislanda Lopes, no lugar da Ribeira onde vivia. Tinha 70 anos, era solteira, irmã dos Senhores João José Lopes, de Rendufe, Jovino, Emília da Glória Olívia, Maria da Conceição e Rosa Maria Lopes, todos de Lago. Acompanharam-na, à igreja e ao cemitério, a c. do 1.º sacramento e a Pia União de Filhas de Maria, de Lago.

Não teve exéquias solenes e por isso a missa de corpo presente celebrou-se com paramento de cor rosa, por ser domingo da septuagésima.

No dia dez de Fevereiro faleceu no lugar do Bico José António de Oliveira. Tinha 78 anos e era casado com D. Maria da Conceição Lopes, proprietário, natural de Carção, concelho de Vimioso, Bragança, e residia onde morreu. Foi sepultado em Soutelo, Vila Verde. Por ordens expressas de sua esposa teve exéquias solenes na igreja paroquial de Soutelo, constantes de ofício, missa e ofício de sepultura. Assistiram vários sacerdotes.

Se me perguntares a causa da realização das exéquias e sepultura em Soutelo, dir-te-ei: a única filha, genro e netos vivem em Soutelo...

No dia dezasseis de Fevereiro morreu Maria da Luz Pires, no lugar do Ribeiro, onde residia. Era casada com António José Ribeiro, ainda vivo, mas velho e doente, e tinha 75 anos. Deixou vivos os filhos, senhores: Palmira da Graça, Domingos, Manuel, João Evangelista e José. Este vive no Rio de Janeiro, há anos. Por vontade dos filhos teve exéquias solenes com acompanhamento, ofício e missa cantada. Disse «por vontade dos filhos» porque o marido estava privado do uso das faculdades mentais.

Apraz-me dizer-te que estas exéquias se realizaram dentro das normas litúrgicas, com os sacerdotes a acompanhar o

cadáver, de casa à igreja, ofício e missa, seguidos do ofício de sepultura, e acompanhamento ao cemitério pelos sacerdotes assistentes e povo.

Como vês a missa celebrou-se no fim do ofício sem haver medo que o povo fugisse... e, de facto, não fugiu, assistindo respeitadamente a tudo. Isto impressionou-me tanto mais que tenho assistido a vários entêrros nos quais o Reverendo Presidente manda cantar a missa no princípio sob pretexto de o povo não esperar... Em Lago esperou, assistiu ao ofício e gostou! Não faltaram pessoas a dizer que, quando morressem, queriam um entêrro assim. Estás a ver que o facilitar, contra as leis litúrgicas, embora com boa intenção, é contraproducente...

Baptizado

No dia 19 de Fevereiro realizou-se o baptizado de Maria do Carmo Machado da Cunha, filha dos senhores Faustino José de Barros da Cunha e Maria da Conceição da Costa Machado.

Foram padrinhos os senhores António da Costa, e Maria do Carmo da Costa, respectivamente, cunhado e tio dos pais da baptizada.

Distribuição do Correio

A freguesia de Lago permanece voada ao ostracismo quanto à distribuição do correio pelos domicílios.

Alguns parecem consolar-se ouvindo dizer que Lago não pode ter distribuição domiciliária do correio porque não dá o necessário para um giro completo. Quanto a mim não encontro meio de me consolar. Tenho resmungado por escrito e com palavras, tenho-me dirigido à Direcção dos Correios e tudo ficou em palavrinhas de consolação que me não consolam absolutamente nada. Espero que a última tentativa dê resultado. Se o não der, voltaremos ao ataque e venceremos.

Lago, 22-2-1961.

Teu. J. Moreira

PÊLOS

Destruição definitiva pelo processo mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || BRAGA

Câmara Municipal de Amares

(Continuação do número anterior)

Ao findar o exercício e pesar da avultada importância paga a estabelecimentos hospitalares, os saldos a favor destas totalizaram 67.375\$60, como se verifica do quadro seguinte:

Entidades	Dívidas em 1-1-60	Encargos Assumidos em 1960	Soma	Pagamentos Efectuados	Saldos devedores em 31-12-60
Hospital Geral de Santo António	4.046\$00	2.632\$00	6.678\$00	4.946\$00	1.732\$00
Hospitais Cívicos de Lisboa	9.767\$70	900\$00	10.667\$70	10.883\$70	\$
Hospital de S. Marcos	53.386\$00	74.580\$20	127.966\$20	66.720\$50	61.245\$70
Hospital Conde Ferreira	1.937\$00	4.016\$90	5.953\$90	4.022\$00	1.931\$90
Hospital de S. João	1.422\$00	4.528\$00	5.950\$00	5.950\$00	\$
Hospital Maria Pia	\$	160\$00	160\$00	160\$00	\$
Instituto Português de Oncologia	2.318\$00	784\$00	3.102\$00	3.012\$00	90\$00
Instituto da Reumatologia	401\$00	\$	401\$00	4.01\$00	\$
Maternidade Júlio Dinis	486\$00	\$	486\$00	486\$00	\$
Maternidade Alfredo Costa	306\$00	\$	306\$00	306\$00	\$
Casa de Saúde do Bom Jesus	1.056\$00	\$	1.056\$00	1.056\$00	\$
Hospital de S. Maria	\$	2.574\$00	2.574\$00	1.38\$00	2.376\$00
Instituto de Assistência Psiquiátrica da Zona Norte	\$	135\$00	135\$00	135\$00	\$
Soma	75.125\$70	90.310\$10	165.435\$80	98.276\$20	67.375\$60

Obras — Na realização de obras e melhoramentos investiu o Município, quer directamente quer através de subsídios concedidos às Juntas de Freguesia, a importância de 150.384\$80, assim distribuída:

- 1) — Reparação do Edifício dos Paços do Concelho 1.988\$40.
- 2) — Idem de instalações sanitárias públicas 1.650\$00.
- 3) — Idem de fontanários e arruamentos 301\$50.
- 4) — Beneficiação da rede de iluminação pública 3.197\$90.
- 5) — Estabelecimento de linhas de distribuição de energia eléctrica em B. T. 7.427\$60.
- 6) — Remodelação e beneficiação da linha de distribuição de energia eléctrica em B. T. de Barreiros 70.898\$20.
- 7) — Construção da ponte sobre o rio Homem 25.000\$00.
- 8) — Construção do C. M. da E. N. 205 (Neves) à ponte sobre o rio Homem, em Rendufe, 3.ª fase 4.000\$00
- 9) — Reparação de estradas e caminhos municipais 8.746\$20.
- 10) — Subsídio à Junta de Freguesia de Paredes Secas para construção do Cemitério paroquial 9.000\$00.
- 11) — Subsídios a Juntas de Freguesia para melhoramentos rurais 18.175\$00.

Soma 150.384\$80.

De todas as obras acima descritas só as referidas nas alíneas 7) e 9) foram levadas a efeito com subsídios do Estado, a que já aludi ao falar de receita, visto que das participações concedidas para as obras mencionadas nas alíneas 6) e 8) não foi recebida, ainda, qualquer importância.

Note-se, no entanto, que, quanto à reparação de estradas e caminhos municipais, a importância indicada como despendida se deve adicionar a respeitante aos salários e abono de família dos três cantoneiros municipais, encargos estes que somaram 27.351\$00, e para os quais o Estado concorre anualmente com 10.200\$00.

A-par-da realização das obras mencionadas, procurou a Câmara activar os processos de participação de muitas outras de molde a tornar possível a concessão dos respectivos subsídios do Estado no ano em curso.

Entre elas citarei a remodelação da rede de distribuição de energia eléctrica em B. T. de Lago, obra orçada em 291.920\$00, e para a qual acaba de ser concedido um subsídio de 115.600\$00, a electrificação de Santa Maria de Bouro, Santa Marta e de Goães, a remodelação da linha de distribuição de energia eléctrica em B. T. de Dornelas, a construção das estradas de acesso às freguesias de Paranhos e de Seramil, a construção do Caminho Municipal de Ferreiros a Prozêlo, e a pavimentação de arruamentos na sede do concelho para os quais se espera seja concedido o auxílio financeiro do Estado muito em breve.

Serviços de Electricidade — Em 1960 adquiriu o Município à Chenop 216.097 Kv. que adicionados, aos Kv. facturados, mas não recebidos, por virtude das condições do contrato de fornecimento em vigor, e relativos a perdas em transformadores (11.850 Kv.) e a 2.ª sobre o consumo (4.322 Kv.), totalizam 232.269 Kv. cujo custo importou em 174.202\$00.

Da energia recebida pela Câmara foram fornecidos aos 564 consumidores particulares 156.197 Kv. — mais 22.964 do que no ano anterior — tendo sido consumidos pelos Serviços Municipais e do Estado 4.177 Kv. e pela iluminação pública 15.427 Kv., e cedidos para festas populares 1.422 Kv.

Donde se verifica, somando todos os referidos consumos e subtraindo o total à energia efectivamente adquirida, que as perdas nas linhas da rede da distribuição de energia eléctrica deste concelho se cifram em 38.415 Kv. ou seja 17,70% daquela energia, percentagem esta que está dentro dos limites tecnicamente aceitáveis.

Os serviços em apreciação produziram a seguinte receita:

Venda de energia eléctrica em B. T. 260.321\$20.
Aluguer de contadores 15.856\$00.
Reembolso do selo sobre o aluguer dos contadores 637\$40.
50% sobre as taxas de exploração 410\$00.
Taxas de ligação 660\$00.
Reembolso de despesas feitas com ramais 3.598\$20.

Soma 281.482\$80

Em contrapartida a despesa totalizou 243.293\$70, assim discriminada:

Despesas com o pessoal 36.191\$00.
Impressos 153\$00.
Energia eléctrica adquirida 174.202\$00.
Aquisição de contadores 13.530\$90.
Reparação da rede de distribuição de energia eléctrica 9.187\$00.
Reparação de material eléctrico 5.921\$00.
Diversas despesas 4.108\$80.

Deduzindo a importância da despesa realizada ao rendimento dos Serviços encontra-se o lucro líquido da exploração que foi positivo e do montante de 38.189\$10.

Deve notar-se, no entanto, que nos encargos com o pessoal não estão incluídos os vencimentos do pessoal de carteira, pelo que na realidade aquele lucro é inferior ao valor referido.

Serviço de Águas — Como adiante veremos, também os Serviços de abastecimento domiciliário de água encerraram o ano com saldo positivo.

O número de consumidores manteve-se sensivelmente o mesmo — pois passou de 148 para 150 — ten-

do sido consumidos 9.110 m3, de água, 3.283 m3 em Amares e 5.827 em Ferreiros.

Serviços em apreço produziram de receita 36.719\$80, das seguintes proveniências:

Fornecimento de água 30.507\$00.
Aluguer de contadores 4.962\$00.
Reembolso do selo de aluguer de contadores 163\$00.
Taxas de ligação 80\$00.
Reembolso de despesas feitas com ramais 1.007\$80.
Por seu turno, as despesas da exploração foram as seguintes:

Encargos de empréstimos. 19.934\$00.
Impressos 213\$00.
Diversos 2.640\$00.

Total 22.787\$00

Donde se conclui que, em 1960, os Serviços de Águas deram ao Município o lucro líquido de 13.932\$00.

Também aqui o resultado da exploração seria inferior ao indicado se os trabalhos de expediente, de contagem, e de leitura fóssem realizados por pessoal próprio e não por serventuários adstritos a outros serviços municipais.

Dívidas passivas.
Como já, disse, no último exercício foram saldadas dívidas passivas de gerência transactas do valor de 141.131\$00.

Porém, nomeadamente por carência das respectivas dotações orçamentais, deixaram de ser pagos em 1960, além das dívidas a hospitais a que já aludi, encargos de outras proveniências assumidos e vencidos no mesmo ano.

Por isso, as dívidas passivas da Câmara somavam, em 31 de Dezembro pretérito, 152.134\$20, compreendendo:

Dívidas aos hospitais 67.375\$60.

A diversos 84.758\$60.
Terminarei o presente relatório referindo-me à Situação económica e finan-

ceira Município ao findar última gerência.

O saldo em dinheiro da foi de 163.271\$90, o qual, facilmente se determina adicionando à receita global a r e c a d a — igual 1.304.277\$50 — o saldo em dinheiro que transitou em 1959, isto é, 145.815\$50, subtraindo à soma obtida a importância dos pagamentos realizados, ou seja 1.286.821\$10.

Contudo aquele saldo em dinheiro não corresponde ao saldo real do exercício visto nele estarem incluídas quer importâncias que o Município não pertence quer outras que têm carácter de signação especial, e também porque, como já frisamos, nem todos os encargos consumidos e vencidos no curso de 1960 foram integralmente liquidados.

Determinemos, portanto, o verdadeiro saldo. Temos:

1) Dívidas passivas que transitaram para o ano em curso 152.134\$20.

2) Receitas consignadas 39.125\$20.

3) Receitas com consignação especial 25.131\$80.

4) Importâncias a que se dem os Art.º 753.º e N.º do Art.º 754.º do Código Administrativo, não aplicadas em 1960 34.946\$80.

Soma 251.338\$00

A deduzir:
Saldo em dinheiro 163.271\$90

Déficit 88.066\$10

Vê-se, assim, que o saldo real da última gerência municipal foi negativo e de valor de 88.066\$10. E como do ano anterior foi igualmente negativo e da importância de 83.042\$00, conclui-se que a situação económica do Município de Amares se mantém sensivelmente estacionária, mas perigosa.

Amares, 6 de Fevereiro de 1961

O Presidente da Câmara
a) Dr. Eduardo Gonçalves



COMPANHIA DOURO
SEGUROS 'DOURO'
SEGUROS EM
TODOS OS RAMOS

FUNDADA EM 1835

Há mais dum século, na "DOURO" está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES

Deseja trabalhos tipográficos com rapidez e perfeição?

DIRIJA-SE À
MODELAR

Telefone 62113

Amores

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

Antigo Padroado de Rendufe

dizimos, e primicias, e mais cousas que se pagão à dita igreja, fazendo todos os actos de legítimo Senhor, e Padroeiro della, e que por essa razão he que requeria como tal a sua atombação, assim como o tinha já sido a sobredita freguesia, e seu couto no anno de mil quinhentos e dez, e se mostrava do Tombo que apresentava feito na sobredita era, a folhas duzentas e trinta e seis e verso, e do outro Tombo do mesmo Mosteiro feito por autoridade Regia no anno de mil seiscentos setenta e cinco, como se mostra do Tombo quinto delle a folhas cento e trinta e tres e verso, que elle Reverendo Procurador apresentou, e elle Doutor Juiz viu, e mandou que se tornasse a entregar ao Reverendo Procurador para os apresentar nos mais actos com os mais titulos, que necessários forem para esta diligencia, e assim se continuasse na descripção da igreja, e sua fabrica, casa de residencia, e passal, como também no reconhecimento do Reverendo Parocho, e obrigaçoen dos fregueses, usos e costumes, e o mais mandado no despacho retro, e de tudo mandou fazer este termo... **Titulo da descripção da Igreja de São Pedro de Codeceda, e sua fabrica** — E logo, no mesmo dia... em presença do Reverendo vigário della Manoel José Cerqueira, achou que a dita igreja está sita em hum alto junto de hum monte alto chamado o Cotto da Igreja, que fica por cima do lugar chamado da Villa, da mesma freguesia; a qual corre do nascente para o Poente, e para o mesmo Poente tem o seu frontespicio, e porta principal, com seu remate e cornigem, em cima della huma fresta quadrada que na padieira faz seu boleado com hum florãozinho em cima, e por cima do mesmo frontespicio e remate sua cornigem com huma cruz em cima, e nos cunhaes de cada ilhargá sua piramide; tem para a parte do Norte huma porta travessa, onde dizem querem os fregueses fazer sachristia para a fabrica do Senhor e Confrarias; e para a parte do Sul tem outra porta travessa com duas frestas e para a parte do Norte huma, que todas dão luz ao corpo da igreja; e pela mesma parte do Norte tem huma porta com sua escada de páo que he serventia do coro, onde dizem querem fazer huma escada de pedra, e torreão para o sino; para a mesma banda do Norte, encostada à capella-mór fica huma sachristia pequena com huma frestazinha ao Nascente, a qual he da serventia e guarda dos paramentos do Reverendo Parocho; tem a dita igreja, ao entrar da porta principal, para o lado esquerdo, a pia baptismal, por cima da qual fica o coro, e junto a este, pelo mesmo lado, o pulpito; tem a sua grade que corre pello mesmo coro, o qual tem a sua guarniçãozinha pela trave dele; e ao lado da dita porta tem outra pia que he de água-benta, e para a mesma banda tem hum almario que he de guardar o azeite e cera das Confrarias, e tem em cada porta travessa sua pia de água-benta, e de cada lado seu altar collateral metido na parede em cada seu arco pegados no arco-cruzeiro, cada hum com seu retabolo e supedaneio levantado; tem seu arco-cruzeiro apilado com seu capitel; e dahi para cima fica a capella-mór, com suas escadas para o altar-mór e seus presbiterios, com huma fresta para a banda do sul, porem tudo ainda em osso por toda esta obra se achar de pouco tempo feita: tem para a banda do Norte huma porta, que he da serventia da sobredita sacristia, e nas costas da capella-mór também tem por remate sua cornigem e huma cruz com suas piramides, tudo correspondente ao frontespicio da dita Igreja e seu corpo; e tem seu adro e circuito em volta aonde fazem as procissoens, onde tem à roda algumas cruces da via-sacra. E entrando elle Doutor Juiz do Tombo na sobredita sachristia, que fica pegada, para a parte do Norte, na capella-mór, ahí pello Reverendo Parocho puxando de hum gavetão de hum caixão, que ahí tem, lhe foi mostrada a fabrica seguinte: Huma sobrepeliz do uso paroquial, e quatro albas já uzadas, e cinco cazulas, huma de seda branca e as quatro de lam das cores de que usa a Igreja, aparelhadas menos huma, e tres missaes, e hum Catecismo Romano, e hum Ritual Romano, e humas galhetas, e quatro castiçoes de latão, e dous calices com a copa de prata e o pé de latão, e quatro bolças de corporaes das cores de que usa a Igreja, e tres mesas de corporaes huma já muito velha e duas em bom uzo, e meia duzia de sanguiños, e tres manusterges, e quatro toalhas do altar-mór mais de meio uzo, tres frontaes velhos e muito uzados, e huma caldeira de latão da agoa-benta, e uma cam-

* As reticências evitam escusadas repetições.

(Continua no próximo número)

FUTEBOL

No passado domingo realizou-se em Terras de Bouro, um encontro de Futebol entre o Sporting de Covas e Caldeas F. C.

Saindo vencedora a equipa Local por 2-1 com 1-1 ao intervalo.

O primeiro golo surgiu após dois minutos decorridos da primeira parte pelos visitantes e 15 minutos passados o clube da casa empatou por intermédio de Tomé Dantas.

Houve no entanto várias jogadas perigosas dos coveneses, e digamos até, aos 22 minutos uma excelente jogada que obrigou o guarda-redes José Maria a defesa, para perto e Lucio ao desviar a bola da linha de golo maguou o seu próprio guarda-redes sendo assistido por um médico que ali se encontrava. Depois de recomposto principiou novamente a partida, e nada mais se registou nesta primeira parte.

No segundo tempo, os homens da casa com muita rapidez e com permanente troca de bola, originaram dois golos anulados pelo arbitro, e só aos 22 minutos conseguiram o golo da vitória pelo avançado Adolfo. Contudo, desta vez, porém, o jogo foi bem disputado, perante umas centenas de pessoas.

E no final do encontro ouvimos pelos alto-falantes umas palavras do guardião Joaquim Dantas que disse:

Assim é impossível. O arbitro foi o principal culpado do resultado. A minha equipa podia estar a vencer senão anulasse os dois golos, o primeiro de um canto por Padeira que entrou directo e o segundo por Evaristo, que estava fora de jogo. No entanto gostei imenso do jogo que estávamos sendo aplaudidos por umas 600 pessoas.

O Sporting de Covas alinhou: Joaquim Dantas: Fraquinho, Augusto D. e Faisca, Júlio e Tomé D. Adolfo, Amadeu, Evaristo, Antero e Manuel P. Fraca arbitragem. A. Soares

Algumas Perguntas

Continuação da 6.a página

São estas as perguntas com que se interrogou a consciência de cada um dos portugueses de boa vontade, sem distinção de credo nem de partido, dos portugueses que pertencem, apenas, ao Partido de Portugal. Da positiva resposta dada a cada uma delas nasceu a firme posição tomada já pela maioria da opinião pública. São estas as perguntas que se deixão à interrogação das consciências que porventura ainda tenham dúvidas, que porventura ainda hesitem entre os partidos da esquerda, do centro ou da direita — e o Partido de Portugal.

NA MISERICÓRDIA

A MAIS CONCORRIDA A. GERAL DE SEMPRE

dá uma grande lição de amor à Instituição

(Continuação da 1.a página)

magnífico civismo com que a Assembleia decorreu a dar-nos duas lições que todos os homens deveriam recolher para si: amor acrisolado à Instituição e repulsa por tudo que seja desviá-la da sua administração normal a favor de despeitos mal contidos.

Num acto de Justiça a assembleia deliberou louvar o

sr. dr. Eduardo Gonçalves, seu director clínico e membro da Mesa, pelos altos serviços prestados à Instituição, deliberação tomada por unanime aclamação.

A mesma Assembleia resolveu congratular-se com os esforços que vêm sendo feitos pela Câmara no sentido de defender o legado da benemérita D. Filomena do Rosário Almeida.

O NOSSO COMENTÁRIO

Uma instituição em verdade linda pelos altos fins que a animam deveria ser dirigida com inultrapassável dedicação, com espírito de caridade e de equidade, alheia a intrigas, a habilidades e a orgulhos mal feridos.

Incompreensível que quem tenha desempenhado lugares para realizar obra impar mas se haja revelado inerte, sinta que pode por mero capricho, alheio a todos os preceitos de seriedade e de bom senso, correr aqueles que à custa de tantas canseiras, de tanto dispêndio e trabalho realizam por toda a parte obra notável, verdadeiramente julgada impossível e que na instituição foram decididamente os criadores de tudo o que existe.

Para realizar o intento, num eleitorado que lhe oferece poucas garantias, vá de tentar todos os meios para mudar os acontecimentos. E como também isto pode não surtir efeito vá de embrulhar as coisas superiormente.

As pessoas de bem, àquelas que regulam os seus actos pelas razões de inteligência, com escrupulo e seriedade, vamos enumerar três factos que definem as coisas, se é preciso defini-las ainda.

Foram remetidas ao senhor

Ministro da Saúde duas queixas. Numa o sr. Artur Cunha proclama peremptório: *toda a gente de bem do Concelho está conosco*. Noutra o sr. António Paredeia tece um hino de louvor à legalidade e á seriedade.

Prescitem a autoria destas coisas e vejam as assinaturas e terão compreendido como os homens são pequenos.

E neste momento em que nos debruçamos para escrever surge a última nova a acentuar a linha de conduta seguida: fez-se constar e andou-se mesmo pelas portas a anunciar que a lista das assinaturas colhidas de presença na última Assembleia Geral serviu para subscrever uma queixa contra o maestro desta raposódia toda.

Perseguiram tanta gente, difamaram outra, causaram danos grandes ao concelho e às pessoas, mesmo àqueles paladinos que referimos e, agora, na falta de melhor...

A gente de bem, aquela que quer gente de bem, decidiu de há muito a questão, façamos votos para que não venham de fora ventos de que a instituição não precisa nem merece, alimentadores de vaidades incontidas.

Agência Funerária

DE

MANUEL DA CUNHA

Esta casa encarrega-se de todos os serviços fúnebres, bem como

Ornamentações de igreja, tanto em luto como em gala, andores dos mais luxuosos, coroas, ramos para casamentos, ornamentações de cruces e todos os serviços deste género

Sempre grande depósito de luxuosas urnas

No seu próprio interesse consulte esta casa em **COUCIEIRO—VILA VERDE**

Visado pela C. de Censura

ALGUMAS PERGUNTAS | Constância | VAMOS FAZER DE CONTA

(Por António Maria Zorro)

Os recentes acontecimentos políticos ocorridos tanto na Europa como em África, ou no alto-mar, fizeram formular à consciência de cada um dos que constituem a chamada opinião pública meia dúzia de perguntas.

São perguntas naturais, justificadas, serenas e, sobretudo, desapassionadas. Convém registá-las. Pode até dizer-se que se resumem a uma só pergunta: — que é que vale mais?

Entre a indeferença com que meia dúzia de criaturas segue, à porta dos «cafés», ou em volta da mesa da «canasta», o desenrolar da conjura internacional contra o nosso País e as multidões anónimas que por toda a parte ocorrem espontaneamente às igrejas onde se celebra missa de sufrágio por alma das vítimas dessa conjura (e já não é só o jovem piloto do «Santa Maria»...) — que é que vale mais?

Entre a histeria com que certa imprensa dita sensacionalista agitou o nome dos dois responsáveis pelo assalto armado a um enorme e pacífico transatlântico e a maneira com que alguns dos jornais mais reputados pela sua seriedade classificaram o criminoso acto, mesmo sem de modo algum se afirmarem simpatizantes do regime português — que é que vale mais?

Entre a insídiosa campanha tendente a fazer crer que a Grã-Bretanha e os Estados Unidos de todo em todo abandonaram o seu aliado português, neste caso do «Santa Maria», e as diatribes com que a Rádio Moscovo acusou aqueles países de terem sido «escandalosamente protectores do regime de Salazar» — que é que vale mais?

Entre os atentados terroristas cometidos em Luanda, de provado comando comunista, de provada ligação com o «Directório Revolucionário de Libertação Ibérica», de provada participação de elementos não angolanos, e a tranquilidade que reina em todo o território nacional, a lealdade de milhões de africanos, o próprio heróico exemplo de nativos como o cipaio Manuel Chingu — que é que vale mais?

Finalmente, entre a incrível representação formulada perante o Chefe do Estado pelos três comissionados que foram à Presidência da República congratular-se pelos perigos que ameaçam a Nação, insultar a Imprensa, transformar os êxitos em derrotas, tudo para pedir a substituição do Governo, entre esse caso típico de megalomania e de sadismo político e os protestos que ele provocou nos próprios sectores indistentemente reconhecidos por oposicionistas — que é que vale mais?

Não valerá, de facto, mais, a patriótica atitude assumida pelo «Diário de Lisboa», fidelidade às tradições liberais e democráticas o não impediu de rejeitar, com indignação as acusações e os propósitos dos três comissionados — que como tais, de resto, não são reconhecidos pela maioria da Oposição? E o testemunho indubitável de velhos, indefectíveis e honestíssimos democratas, como o Dr. Lopes de Oliveira, ao vir afirmar em público que «acima dos parcialismos doutrinais, dos ministérios, das formas de governo e até dos regimes políticos estão os destinos das nações que uma grande tradição histórica formou?»

Continuação da 1.ª página

do gesto heróico de um alcaide de Faria, que não temeu a morte entre o render-se às mãos de um salteador armado até aos dentes, e o dever a cumprir como sentinela vigilante de uma parcela da nação.

A Mãe-pátria compreendeu bem a generosidade do seu sacrifício e nunca mais esquecerá esse acto de verdadeiro heroísmo, com a moralidade que dele transcende. A fé alimenta-se do sangue dos mártires e o patriotismo do de seus heróis e mártires também. Onde e quando parecem adormecidos, bate-lhes à porta o anjo da História a desafiar os para a immortalidade. Uns e outros não devem ser chorados.

Não valerá muitíssimo mais o depoimento de um tão prestigiado caudilho da Oposição como é o Dr. Cunha Leal? — Pois o Dr. Cunha Leal acaba de publicar outro volume da série «Coisas do Tempo Presente». Chama-se «O Colonialismo dos Anticolonialistas», Discussível em muitos pontos, susceptível mesmo, a meu ver, de gerar perigosas interpretações do fenómeno ultramarino lusitana, o novo livro do Dr. Cunha Leal é um libelo veemente contra os empresários internacionais da campanha anti-portuguesa, dessa campanha que além de tudo apadrinhou o assalto ao «Santa Maria» e se não esqueceu de mandar «reporters» para Luanda, nas vésperas dos motins. E no livro do Dr. Cunha Leal afirma-se claramente que assiste a Salazar o direito e o dever de não abandonar o seu posto.

Continua na 5.ª página

(Continuação da 1.ª página)

vidá a bordo, durante esses dois ou três dias sem rota nem destino, decorreu no melhor dos mundos, entre bailes e banhos na piscina, champagne a rodos e o chefe dos piratas beijando a mão às damas. Ainda é possível fazer de conta que assim foi. Acrescentaremos que ao desembarcar os passageiros vinham bem dispostos, encantados, quase saudosos da convivência com tão gentis piratas... Mas não! Tanto não é possível imaginar! Tanto não é possível fazer de conta. Tirar uma passagem num grande transatlântico não é positivamente a mesma coisa do que embarcar num comboio mistério, na «Feira Popular». Os passageiros tinham um rumo, tinham negócios a tratar, tinham famílias à espera, tinham, como toda a gente normal, o desejo de chegar a horas. Pelo menos — pelo menos — os passageiros do «Maja Krunkspkaya» desembarcariam de mau humor, com um mau humor semelhante ao do funcionário a quem «cortam o ponto» por se haver atrasado o comboio de Sintra.

Pois, senhores, no caso do «Santa Maria», no caso autêntico de um paquete que viveu doze dias sob a ameaça das metralhadoras e o risco de legitimamente ser metido a pique; trazendo a bordo o cadáver de um oficial assassinado; com a água racionada, sem ar condicionado; com o chefe dos assaltantes considerando uma benevolência o facto de não ter mandado violentar as mulheres — houve quem fizesse de conta que nada de anormal se tinha passado e que mandasse dizer para jornais que os passageiros estavam satisfeitos. Milhares de pessoas assistiram, no

cais do Recife, ao desembarque das vítimas deste inqualificável atentado contra a Liberdade dos Mares; viram os passageiros atropelarem-se, na ânsia de fuga, e ouviram-nos à medida que se afastavam do navio, encher de insultos os meliantes seus captores; viram que três tripulantes se lançaram à água, com a pressa de se libertarem daquele inferno. E entre muitos protestos, muitos protestos, muitas queixas muita e justa indignação, ouviram ou leram o já famoso desabafo de um passageiro holandês, o sr. Remees: — «Dê-me-me uma corda, que eu próprio o enforco!»

Apesar de tudo isso, houve quem fizesse de conta que nada se tinha passado. E houve quem fizesse de conta que acreditava em que tamanho impudor, tamanha afronta à verdade e à inteligência do género humano não passaria talvez, de um requinte literário...

Ora vamos nós fazer de conta que gente deste jaez não é gente. Façamos de conta, por exemplo, que são lacraus. Ou alforrecas.

Condições de Assinatura

Continente	
Ano	50\$00
Semestre	25\$00
Ilhas	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco,—ano	60\$00
Semestre	30\$00
Brasil	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00
Estrangeiro	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

PERGAMINHOS DE CASTRO

Por D. S.

Memorial de Montebelo

em que Manuel de Faria fala de Castro:

*Tu que por tantas linhas derivado
Do Augusto sangue vens da nossa Espanha
Com exercícios claros ilustrado
Enquanto Ceres ara, e Tetis banha
Ouve de Amantes dons o infeliz Astro
Junto ao illustre teu solar de Castro.*

Uma curiosidade respeitante a Braga, onde diz que o primeiro Mercúrio que Entre-Minho e Douro foi muito venerado pelos Romanos, era seu testemunho uma estátua de bronze dourado, e de superior artista, a qual se encontrou nesta cidade ao desfazerem-se as ruínas de um muro antigo junto de S. Sebastião, no ano de 1620. Que podendo mais a cobiça do pouco ouro que tinha, que a curiosidade dos que a acharam, venderam-na a uns pedreiros que a desfizeram para arrancar-lhe aquele metal.

Volta a tratar da descendência de D. Egas Pais de Rendufe: D. Teresa Gomes, filha de Gomes Ansur, casou em primeiro matrimónio com Martim Gomes do Lago, com seu solar nas mesmas terras de Entre-H. e Cávado, do qual descendiam os Pereiras do Lago. Ainda então se via aí parte de uma torre antiga, com algumas ruínas que a acompanhavam, e davam testemunho da sua antiga nobreza, conservando o nome de Paço o lugar em que o dito solar dos Pereiras do Lago assentava.

Que o ver-se na biografia de Sá de Miranda chamar «Castro de Arega» ao solar de Carrazedo fora impróprio, visto ninguém o conhecer de tempo algum com aquele nome; assim lho daria Gomes Machado de Azevedo, cavaleiro muito antigo que foi o que escreveu a Vida

daquele ilustre poeta, a pedido de D. Gonçalo Coutinho, devendo ser erro de quem a copiou ou errata de imprensa, porquanto o nome que em seu original se achava era «Castro de Geira» por dar nele a calçada que os Romanos chamaram assim das muitas voltas que fazia.

Faz depois questão com o apelido de Tenreiro em D. João Peres de Vasconcelos, o qual também atribui a erro de copistas que o tomaram por Temeiro e que no português antigo significa «porfiado, teimoso, desobediente» pois não obedeceu a D. Sancho II três vezes que foi chamado para averiguação da morte de Aires de Freitas entre ele e Pedro Anes Alvelo, seu primo, havia acontecido no mosteiro de Fonte-Arcada, e pela qual foi condenado à revelia como autor daquele delicto.

Que o apelido de Tenreiro ou Tenro cuja divisa é uma serpente enroscada em uma árvore, não tocava a este cavaleiro, porque o que se chamou assim foi filho de Pedro Martins Alcoforado, e não de Pedro Martins da Torre (de Vasconcelos). Que Pedro Martins Alcoforado era filho de Martim Peres e de D. Maria Glz de Sousa, filha de D. Gonçalo de Sousa, irmã de Lourenço Anes de Caires (e não Carnes, outro a quem mandou matar el-rei D. Dinis). Ter-se-ia chamado assim Lourenço Anes por ter vivido na freguesia de Caires; e ainda então se viam cerca da respectiva igreja ruínas de grandes edifícios. Tora mestre de S. Tiago, e em seu tempo mudou-se o nome de Requiam para Caires. Aí vivera Rodrigo de Pousada, lugar que partia com a herdade do Extremadouro e outras que ainda conservavam os seus próprios nomes; e de todas elas pagavam os lavradores algumas pensões ao Marquês de Montebelo, devidas à sua casa por meio das famílias de Fafes e Vasconcelos, não tendo quem quer que fosse destes apelidos coisa alguma no solar de Vasconcelos. Sômente D. João Luís de Vasconcelos e Menezes, senhor de Matra e outras vilas, descendente de Mem Rodrigues de Vasconcelos, de quem procediam os condes de Penela seus avós, tinha ali uma herdade que chamam Bornaria e que não chegava a 400 reais de rendimento, e que vagou por seu falecimento, em 1637.

O lugar de Rio-bom, que partia com a mesma Bornaria, era então do Mosteiro de Rendufe.

(CONTINUA)